

provocações
shayla black

Tradução de Maria João Trindade

Capítulo Um

Vou entrar tão fundo em ti, que nunca te esquecerás de que aqui estive.

Alyssa Devereaux estremeceu perante a memória daquela promessa gutural, proferida ao mesmo tempo que tinha sido envolvida por músculos tensos e carência masculina. Luc Traverson. Até o seu nome lhe causava picadas escaldantes de desejo no estômago. Luc tinha cumprido totalmente aquela promessa: Alyssa nunca o esquecerá, nem por um instante.

A noite que este tinha passado na sua cama fora incrível, mágica. O que era dizer bastante, tendo em conta que Alyssa há muito que tinha deixado de acreditar em contos de fadas. Ser envolvida pela força inabalável de Luc tinha sido o paraíso. Naquela noite, sob o seu olhar, não se sentira apenas como uma mulher desejável, mas como se fosse *a única* mulher. A intimidade... oh, meu Deus. Escaldante. Para além de a ter feito perder a cabeça, tinha-lhe dado uma nova definição de prazer. Os seus infinitos olhos escuros tinham-na penetrado enquanto a atingia com estocadas poderosas; o seu cabelo comprido e negro pendia em redor de ambos os rostos, anulando toda a realidade exceto as suas exigências sussurradas e respiração pesada, enquanto a montava, orgasmo após orgasmo.

Luc tinha-lhe deixado o corpo febril, tinha-a levado onde nunca pensara que um homem a pudesse levar. Tinha-o feito vezes sem conta,

ao longo de seis horas. Nunca se cansou, nunca ficou satisfeito. Voraz, ávido e incrível. Alyssa já tinha tido sexo suficiente ao longo da sua vida, para saber que tinham partilhado algo mais do que isso.

Na manhã seguinte, Luc tinha desaparecido. Nem um bilhete, nem uma explicação. Alguns dias depois, tinha-lhe enviado flores, juntamente com um pedido de desculpa por qualquer incómodo ou dor que lhe pudesse ter causado. Alyssa tinha ficado irritada, um pouco magoada... mas não tinha ficado realmente surpreendida. Mesmo assim, não estava disposta a desistir. Só pela possibilidade de voltar a vê-lo, Alyssa tinha quebrado a sua própria regra e tinha-lhe telefonado. Duas vezes. Luc nunca tinha respondido pessoalmente às suas chamadas. Em vez disso, a sua assistente tinha-lhe ligado para dizer simplesmente que Luc iria cumprir a sua parte do acordo. Nada mais.

Alyssa não tinha significado nada para ele. Sim, tinha percebido que ele não a respeitava, antes da noite que tinham passado juntos. Tinham-se conhecido quando ela fez *strip* na despedida de solteiro do amigo dele, uns anos antes. De alguma forma, Alyssa tivera esperança de que ao abrir-se totalmente para ele, Luc mudasse de opinião. Estúpida. Mesmo assim, Luc era tudo o que ela sempre desejara num homem: atraente, bem-sucedido, capaz de amar profundamente, sensível, *sexy*... Não ia desistir dele sem mais nem menos.

— Boa-tarde, patroa. — Tyler Murphy lançou-lhe um assobio baixo e prolongado, com o olhar a vaguear-lhe pelo corpo abaixo, enquanto Alyssa saía das traseiras do clube e parava em frente ao palco. — Estás muito gira.

— Tyler. — Alyssa cumprimentou o gigante de cabelo cor de areia. — O teu trabalho é olhar para os clientes, não para mim.

— Visto que ainda não abrimos, não está cá ninguém para expulsar. Além disso, não gosto de fazer olhinhos a universitários bêbados, nem a homens casados e com tusa. De que cor são as ligas que tens debaixo dessa saiazinha preta?

O seu segurança tinha feito parte de algum tipo de força policial — nunca lhe tinha dito qual — e tinha-se licenciado num curso de Engenharia. Tyler tinha muito a seu favor. Ninguém fazia ideia porque tinha aceitado trabalhar ali como segurança. Mas nos poucos meses que tinha estado com Alyssa, tinha provado ser indispensável. Havia dias em que o negócio dela *precisava* dele. Na verdade, era uma pena que o seu coração

não precisasse também. Por baixo das suas pestanas, Alyssa lançou-lhe um olhar repreensivo:

— Nunca direi.

— Oh, vá lá. Dá um ossinho ao cão.

Alyssa olhou-lhe de relance para o entrepernas.

— Parece que já tens um.

Tyler piscou o olho e sorriu-lhe de forma sedutora.

— É tudo para ti.

Era bonito, parecia tirado da capa de uma revista de culturismo, inteligente, engraçado, de confiança. Mas ao fim dos longos dias a gerir o Sereias Sensuais — o mais famoso clube de *strip* de Lafayette, Louisiana — e a tentar abrir um restaurante, quando Alyssa caía na sua cama solitária à noite, não eram os pensamentos sobre Tyler que a assolavam. Essa honra estava reservada exclusivamente para Luc Traverson.

E ao fim de pouco mais de três meses de separação, Luc estaria ali naquele dia.

Sente-me. Siim. És tão apertada, é tão bom. É isso, doçura. Vem-te para mim. Outra vez.

A voz de Luc, um pecado envolvido em veludo, mergulhado em mel, não lhe saía da cabeça. Até a sua memória a deixava com calor. Os pensamentos acerca daquela noite conseguiam sempre deixá-la aturdida e desorientada. Queria aquilo outra vez. Queria Luc novamente.

— Olá? Terra chama Alyssa.

Tyler. *Ops.*

— Desculpa. Ando tão preocupada com o restaurante ultimamente.

Tyler fitou-a com aqueles olhos verdes que viam demasiado.

— Então pratos lavados e ementas deixam-te com essa expressão corada, de quem quer ser fodida?

— Vai procurar uns bêbados para espancar.

— Preferia ficar contigo.

Tyler cruzou os braços sobre o peito amplo. Os seus bíceps incharam sob a sua t-shirt preta e justa. Era mesmo atraente. E desejava-a; não o escondia. Alyssa podia arranjar bem pior.

— Como se chama ele? — suspirou Tyler.

— Quem?

— O homem que te deixou com esse ar carente. Não sei se quero dar-lhe uma coça ou um aperto de mão.

— Não há ninguém na minha vida — tecnicamente, era verdade. Para além de se ter envolvido com Luc, não tinha sexo havia anos.

— Mentirosa.

Naquela fase da conversa, Tyler costumava dizer em tom de brincadeira que não se importava nada de ser essa pessoa. Naquela tarde, parecia ter-se apercebido de que algo estava diferente.

— És boa demais para estar sozinha. As miúdas veneram-te. Tratas toda a gente de forma justa e trabalhas mesmo muito. És mais querida do que acreditas. Não matas ninguém quando aquele parvalhão do vereador Primpton aparece para arranjar problemas. — Lançou-lhe um olhar pensativo. — Tens passado por muito, mereces uma pausa.

Se Alyssa não tivesse cuidado, a preocupação de Tyler ia fazê-la chorar. Seria maravilhosamente fácil deixar-se levar pela autocomiseração — e seria uma completa perda de tempo. Alyssa pousou as mãos nas ancas.

— Não está destinado.

— Talvez devesse adiar a abertura do restaurante por umas semanas.

— Porquê?

Tyler perdeu o controlo. Esticou-se para ela, acariciando-lhe o braço com a mão enorme, num gesto reconfortante.

— A tua mãe só se foi há duas semanas.

Alyssa ficou tensa.

— Já não a via há catorze anos.

— Não importa. Ainda estás a lidar com a perda.

Tinha-o feito, com uma mistura de sentimentos. Raiva, dor, tristeza, fúria, uma necessidade de desatinar com a mulher que nada tinha feito para a ajudar ou compreender. Pena que tivesse sido tão egocêntrica.

E ao lado da sua sepultura, tinha estado a tenebrosa razão para a rutura entre ambas: Joshua. Mesmo ao fim de doze anos, a mais de trinta metros e através de um par de óculos de sol de duzentos dólares, o sacana com cara de menino era inconfundível. Pelo menos, não a tinha visto. Deus sabe o que lhe teria feito, se tivesse.

Alyssa afastou aquele pensamento.

— Tyler, agradeço a tua preocupação, mas despendi demasiado tempo e energia nesta abertura para a adiar. Tenho de pôr o restaurante a funcionar para poder entrar dinheiro. Além disso, de que é que adiantava choramingar por causa da minha mãe?

Tyler envolveu-lhe os ombros, num gesto terno.

— Saíste daqui às três da manhã, e a Sadie disse-me que voltaste às oito. Querida, tens de dormir e dar tempo a ti mesma para fazer o luto.

Alyssa preferia não o fazer.

Inclinando-se para a frente, beijou-o suavemente na bochecha.

— Um dia, vais ser um ótimo marido.

— Estás a pedir-me em casamento?

Alyssa bufou.

— Pareço-te do tipo de ter uma casa com cerca branca? Põe esse rabo a trabalhar.

— Sim, senhora — Tyler fez-lhe continência e virou costas, para voltar para trás logo a seguir. — Ah, esqueci-me de te dizer, está aqui um tipo qualquer para te ver. Um *chef* qualquer.

— Luc Traverson? — sussurrou Alyssa.

— Sim. Disse que vocês tinham hora marcada. Não parecia muito satisfeito. É o tipo que vai fazer o espetáculo do *chef* convidado esta semana?

Alyssa ouviu a pergunta de Tyler, mas não respondeu. Em vez disso, olhou para trás dele, para a porta da frente do clube.

Bum! Ali estava ele, com mais de um metro e oitenta e o corpo elegante e esguio, mas tenso. A sua visão era como um golpe visceral. Alyssa engoliu em seco... e deixou que o seu olhar faminto o devorasse. O cabelo escuro a pender em redor dos seus ombros largos, as calças de ganga a abraçá-lo em todos os sítios certos. Aqueles olhos escuros e penetrantes. Uma onda de calor tomou o corpo de Alyssa. O seu coração não começou simplesmente a bater mais depressa; descontrolou-se completamente. Ficou com muito mais do que as palmas das mãos húmidas. Cambaleou, aturdida pelo entusiasmo.

Tyler apanhou-a. As suas mãos robustas deslizaram-lhe pela cintura para a segurar. Depois olhou para trás, em direção a Luc.

— Deves estar a brincar comigo. Ele?

Oh, sim. Ele, definitivamente.

— Cala-te, Tyler — Alyssa afastou-se e deu um passo em frente, decidida. Luc Traverson estava ali. Finalmente. Alyssa fez os possíveis por esconder um sorriso malicioso. Era impossível voltar a ignorá-la; ia certificar-se disso.

...

Até conhecer Alyssa Devereaux, alguma vez tinha ficado duro como pedra só por olhar para uma mulher do outro lado da sala? Luc não gostava da resposta. Não tinha de imaginar o que estava debaixo daquela saia minúscula; já sabia. Coxas macias envolvidas por ligas de uma qualquer cor concebidas para levar um homem à loucura. Uma tanga de renda que revelava mais das suas qualidades do que o que escondia. E debaixo disso... O toque e o sabor das suas pregas inchadas e escorregadias bombardearam-lhe a memória e deixaram-no acelerado, como se tivesse injetado combustível para foguetes na corrente sanguínea.

E agora tinha de trabalhar ao lado de Alyssa durante uma semana. Que inferno. Como é que ia evitar que se repetisse o acontecimento que queria esquecer, mas não conseguia?

És um profissional. Cozinha e guarda as mãos para ti. Além disso, tinha mais em que pensar. As negociações para o seu programa na TV por cabo estavam quase a terminar. Tinha algum trabalho de edição para fazer no seu último livro de culinária. Não haveria muito tempo livre naquela semana, mas o pouco que houvesse iria ocupá-lo.

Evidentemente, Alyssa também tinha a sua própria forma de ocupar o tempo. O enorme bloco masculino ao seu lado, cuja bochecha ela tinha beijado há instantes, estava com uma t-shirt do Sereias Sensuais esticada no peito enorme. Um empregado de bar? Um segurança?

Quem quer que fosse, lançou um olhar possessivo a Alyssa, demasiado evidente para Luc, e depois fulminou-o com o olhar.

Controlando a sua fúria irracional, Luc lembrou a si mesmo que se Alyssa queria foder com o seu pessoal, o problema era dela. A ânsia violenta de desmembrar o seu empregado acabaria por passar.

Alyssa deu um passo na direção de Luc, e depois outro.

— Senhorita Alyssa — uma mulher chamou-a pelas colunas, com uma voz provocadora e sensual. — É a sua vez!

Alyssa parou. Fechou os olhos. Suspirou. Estaria a preparar-se?

Depois, como se a hesitação nunca tivesse existido, lançou-lhe um olhar frio e azul, apontou para a cadeira em frente ao palco, deu meia volta e encaminhou-se para os bastidores a passos largos. Luc não conseguiu conter-se. Observou-a a afastar-se, com o balanço daquelas ancas curvilíneas a atraí-lo como o canto de uma sereia. Raios. Se estivessem sozinhos, não teria conseguido evitar tocar-lhe, ponto final.

A não ser que quisesse ter outro encontro com o seu lado selvagem e

descontrolado, tinha de esquecer a promessa imprudente que lhe fizera e fugir daquele trabalho. Imediatamente. Com relutância, Luc arrastou-se até à frente do palco e sentou-se na cadeira que Alyssa lhe indicara. Assim que ela terminasse o que raio estivesse a fazer e falasse com ele, dir-lhe-ia que o acordo estava cancelado. Que raio, até lhe pagaria pelo inconveniente.

Se ficasse, a sua pila iria metê-lo em apuros. Iria despir Alyssa e meter-se no meio das suas pernas em dois minutos. Ou menos. E isso seria mau. Luc estava à procura da Sra. Certa, uma mulher simples que quisesse filhos tanto como ele e que o ajudasse a manter o seu monstro sob controlo. Alyssa Devereaux, *stripper* divina, definitivamente *não* era essa mulher.

De repente, a música ribombou nas colunas, retumbando com uma batida atrevida, o deslizar malicioso de um instrumento de sopro. Cada nota sugeria sexo — daquele escaldante, suado, sem limites. Daquele que Luc tivera com Alyssa e queria voltar a ter.

Puxando a camisa larga por cima do colo para esconder a ereção, Luc observou Alyssa enquanto esta subia para o palco, pavoneando-se. Tinha apanhado o cabelo liso e platinado num puxo desgrenhado no cimo da cabeça e vestido um bolero vermelho com lantejoulas. Luc estava ansioso por ver o que trazia por baixo. A forma como Alyssa se mexia era um convite... e uma promessa.

Alyssa fincou os pés enfiados em sapatos de salto alto à frente de Luc, com um passo decidido. Depois balançou as ancas, fazendo um círculo sensual. Encostou a palma da mão à pele nua do seu abdómen bronzeado — e começou a fazê-la descer. Desceu... tão devagar. Luc ficou com a respiração presa no peito até que finalmente Alyssa tocou em si própria. *Oh, porra.*

Os dedos de Alyssa deslizavam entre as suas pernas, e esta atirou a cabeça para trás, como se estivesse em êxtase total.

Luc engoliu em seco. Começou a suar.

Sacudindo a cabeça, Alyssa voltou a fitá-lo, e os seus olhos eram como lasers azuis, abalando-o até aos dedos dos pés. Caramba, notavam-se bem as suas nove semanas a sair com administradoras paroquiais, decoradoras de interiores e professoras da primária. Nenhuma lhe tinha causado uma ereção. Durante essa época, tinha acordado a meio da noite mais do que uma vez, a suar, com a pila na mão e o nome

de Alyssa nos lábios. Agora, há menos de cinco minutos na sua presença, estava pronto a explodir.

Tinha de pensar nas palavras certas começadas por «F»: futuro e família. Infelizmente, com Alyssa por perto, a ânsia de voltar a fodê-la matava-lhe as boas intenções.

No instante seguinte, Alyssa soltou as madeixas suaves do seu cabelo, que lhe abraçou os ombros, colou-se aos seus seios, e namoriscou com a sua cintura. Depois despiu o pequeno blusão e atirou-o para o chão com desleixo, expondo uma meia-blusa minúscula, que Luc era capaz de jurar que mostrava as sombras das suas auréolas. Alyssa passou por cima do blusão e avançou até ao varão, ao centro do palco. Quando o agarrou com ambas as mãos e ondulou contra ele, pressionando-o contra a junção das suas coxas, Luc quase sufocou.

E ela continuava a fitá-lo, como se estivesse a dançar só para ele.

A música tornou-se mais intensa, gemendo com sensualidade e de forma sugestiva. Alyssa subiu a parada, enfiando um dedo na caverna húmida que era a sua boca e chupando. Mais sangue desceu rapidamente à pila de Luc, perante a memória da boca dela em seu redor, a sua língua escorregadia a atravessar-lhe a glande, incitando um fervor que lhe queimava todo o corpo. Mesmo meses depois, conseguia sentir o chicotear da sua língua, a seda escaldante da sua boca. Estremeceu.

Com um sorriso felino, Alyssa tirou o dedo da boca e arrastou a ponta húmida pelo decote abaixo. Depois a palma da sua mão assumiu o comando, amaciando o seio direito, com uma expressão de quem convidada ao puro pecado no rosto deslumbrante.

Meu Deus, não era de admirar que ela tivesse construído um pequeno império ali, em Lafayette. A mulher era um sonho molhado ambulante e era boa no que fazia. Nenhum homem heterossexual de sangue quente podia suportar uma provocação tão intensa e manter a sanidade mental.

Pelo canto do olho, Luc viu o empregado de Alyssa, aquele em que ela tinha tocado antes, a avançar furtivamente para o palco. Virando a cabeça depressa, Luc viu rapidamente que a montanha de t-shirt preta e justa estava tensa, a arfar e a ostentar uma protuberância que dizia estar pronta para a ação. Luc gostaria de poder dizer que aquilo não o irritava. Mas estaria a mentir. Então, quando voltou a olhar para o palco, quase se esqueceu do próprio nome.

Alyssa virou-lhe as costas e dobrou-se pela cintura, fitando-o por

cima de um ombro praticamente nu, com uma expressão tão provocadora que o deixou atordoado. Luc agarrou os braços da cadeira, obrigando-se a ficar sentado, e não subir a correr para o palco, estendê-la e penetrá-la novamente naquele instante.

A alça fina do seu pequeno *top* estava a cair-lhe pelo braço. E aquela saia indecente... Com Alyssa dobrada, o vislumbre das suas nádegas nuas espreitava por baixo da seda preta. As suas ligas eram de um vermelho chamativo. A tanga — Luc conseguia ver apenas um pedaço dela — era a condizer.

Os seus dedos macios subiram de forma provocadora pela canela, pela coxa e desapareceram debaixo daquela saia minúscula. Com os olhos semicerrados, a boca de Alyssa abriu-se num gemido silencioso, de aparente prazer autoinfligido. Todo o corpo de Luc estava tenso. Tinha de sair dali.

As mãos dela subiram pelas ancas ondulantes, levando a saia com elas. Alyssa puxou a pequena peça de roupa preta e esta voou para o chão. As metades bronzeadas do seu traseiro, divididas por um pedaço de renda vermelha, impuseram uma luxúria renovada no peito de Luc, tornando-lhe difícil respirar.

Alyssa tinha um rabo lindo. Mas ele já sabia isso. Luc fechou os olhos com força para que a tentação visual da sua carne nua não o provocasse. Em vez disso, foi assolado pelas memórias de lhe invadir o traseiro. A sua total disponibilidade em aceitá-lo de todas as formas que ele quisesse. O aperto do seu corpo húmido e almiscarado, a prendê-lo. O suor a pingar de ambos enquanto a penetrava profundamente. Os gemidos dela.

Jesus, a luxúria ardente tinha de parar — pelo menos até conseguir dizer-lhe que não ia ficar.

A rezar para que a tortura terminasse em breve, Luc abriu os olhos. E susteve a respiração.

Alyssa lançou-lhe um sorriso atrevido e convidativo ao mesmo tempo que rasgava o pequeno *top* mesmo à frente, revelando um sutiã vermelho de meia copa que mal lhe tapava os mamilos. Mamilos rijos. Mamilos rosados, capazes de derreter na sua boca, dos quais se lembrava bem demais.

Luc contorceu-se na cadeira — e quase ejaculou como um adolescente. Mais do que excitado, a sua pila estava tão sensível, que a sensação da ganga a deslizar-lhe contra a glândula quase o fez vir-se.

Tinha de se ir embora. Que se lixasse a conversa educada; ia enviar-lhe um e-mail com uma explicação, porque se ficasse, iria pôr de parte os seus objetivos a longo prazo e fodê-la até perder os sentidos.

Enquanto se levantava, Luc reviu mentalmente uma lista de *chefs* — mulheres — a quem poderia pagar para ajudar Alyssa naquela semana. Era uma lista curta, mas com alguns nomes resistentes. Enviaria receitas à prova de idiotas... O sutiã vermelho caiu ao chão, aos pés de Alyssa.

Os seus seios enormes eram tão dourados como o resto do seu corpo e balançavam graciosamente a cada movimento sinuoso, cada passo. Aqueles mamilos de que se lembrava tão bem chamavam-no, dizendo-lhe «Prova-me».

Vai-te embora!, ordenou a si mesmo.

As suas pernas não se mexeram.

Alyssa desceu as escadas a dançar, levantando os seios como se fossem uma oferenda. Passou pelo empregado excitado, a pavonear-se, e lançou-lhe um sorriso divertido ao acariciar-lhe a face. Luc ficou tenso quando o tipo musculado tentou tomá-la nos braços. Mas Alyssa era demasiado rápida e rodopiou para fora do seu alcance, na direção de Luc.

A mancha húmida na parte da frente da sua tanga foi como um soco no estômago. Luc cerrou os punhos à medida que ela dançava mais perto, mais perto... Alyssa deixou-se cair de joelhos à sua frente e olhou para cima. Os seus olhares ficaram presos um no outro. Alyssa arquejava profundamente. Apesar das calças de Luc, a sua respiração quente acariciava-lhe a pila. Tinha os tomates a ferver, e não lhe tinha tocado uma única vez. Era impossível evitar esticar-se para enrolar-lhe os dedos no cabelo e trazer-lhe a boca para mais perto. Mas quando o fez, agarrou ar. Alyssa já se tinha afastado, pavoneando-se, com aquele seu corpo dourado a queimar-lhe o cérebro.

A música ribombou uma última vez, enquanto esta se deixava cair no palco com habilidade, estendendo o corpo com as pernas abertas, os joelhos dobrados, as mãos a taparem parcialmente os seios e as costas arqueadas... como se estivesse pronta para que ele a cobrisse, a possuísse.

Luc deu um passo na sua direção. Depois forçou-se a parar e respirar fundo. Não tinha queda para a autodestruição e não ia deixar-se apanhar na armadilha agora.

Ao seu lado, o segurança musculoso aplaudia freneticamente e assoviava como um homem possuído.

— Isso foi sensual, patroa. Caramba!

Alyssa levantou-se e sorriu, deixando cair os braços ao lado do corpo, como se estivesse completamente inconsciente ou despreocupada por estar a mostrar os seios ao seu funcionário e ao seu *chef* convidado.

Este era o emprego dela, lembrou a si mesmo. Costumava mostrar o corpo a estranhos e fazia sabe-se lá o que mais com eles. Porque é que deveria interessar-lhe quem lhe via as mamas?

— Obrigada! Tenho andado a trabalhar na coreografia há algum tempo.

— Na parte final, se precisares de cair aos pés de alguém, eu ofereço-me. — O seu segurança piscou-lhe o olho.

— Vou lembrar-me disso.

Alyssa pegou no bolero, enfiou os braços nas mangas curtas e depois cobriu os seios com as lapelas. Mais ou menos. A peça de roupa não tinha presilhas à frente, por isso ficou aberta, exibindo um decote e o volume generoso dos seus seios à medida que descia as escadas.

— Sr. Traverson, é um prazer voltar a vê-lo. — Estendeu-lhe a mão. Estaria à espera que a tocasse de uma forma profissional? Luc preparou-se para a corrente elétrica que o trespassava sempre que tocava naquela mulher. Mas por mais que se preparasse, isso não reduziu o choque que sentiu quando lhe apertou a mão.

— Menina Devereaux. Temos de falar. Há algum lugar mais sossegado? Mais... — Luc olhou de relance para o segurança, que o fitava com um olhar curioso e intrometido. — Privado?

— Tyler. — Alyssa estalou os dedos. — Volta ao trabalho. São quatro horas, certo? Abre as portas. — Depois voltou a olhar para Luc. — Siga-me.

Como se ele pudesse resistir quando ela virou aquele rabo fantástico na sua direção e se afastou a pavonear-se... Impossível.

Luc seguiu-a para os bastidores e depois desceram um corredor que tinha sido pintado de preto. Luzes vermelhas brilhavam no teto, dando às traseiras um toque gótico que contrastava com o ambiente acolhedor da área pública. Depois desceram até uma sala, ao fundo. Branca. Reconfortante, com fotos a preto e branco na parede. Com salpicos de vermelho, nas flores de seda e numa cadeira de escritório.

Alyssa escancarou a porta e depois fechou-a atrás de Luc, assim que

este entrou. Este apercebeu-se de que não se ouviam os sons do clube. Inclinou a cabeça, à escuta do silêncio puro.

— É à prova de som — confirmou Alyssa, empoleirando a anca na beira da secretária, numa pose descontraída que, de alguma forma, gritava sexo. — É terrivelmente difícil tratar da contabilidade às duas da manhã, com as Pussycat Dolls a darem-nos cabo dos ouvidos.

Aquilo fazia sentido, mas não tinha nada a ver com aquela reunião.

— Oiça, eu...

— Antes de tratarmos de negócios, posso pedir-lhe uma opinião em relação ao meu número? Já não danço à volta de um varão há dois anos. Perdi a prática.

Ela já não dançava à volta de um varão há dois anos? Uau... Luc não frequentava clubes de cavalheiros — achava que não tinham nada de cavalheiresco — por isso, não tinha termo de comparação. Mas se ela achava que tinha perdido a prática, Luc concluiu que provavelmente teria um ataque cardíaco, se alguma vez a visse no pico da sua forma.

— Porque me pergunta?

Alyssa fez uma careta.

— Para além do Tyler, que gosta de tudo o que eu digo ou faço, era o único homem a assistir. Preciso de uma opinião masculina. Resultou para si?

E de que maneira.

— Hum... Foi bom.

— Bom. — Alyssa suspirou. — Preciso que seja ótimo. Raios! Esta noite é o quinto aniversário do Sereias Sensuais, e prometi atuar. Já não o faço. Mas vou esforçar-me mais quando subir ao palco, logo à noite. Obrigada pela opinião.

Se ela se esforçasse mais, provocaria orgasmos instantâneos em metade do público, nos primeiros trinta segundos.

— Então, como tem estado? — O seu sorriso iluminou-lhe todo o rosto, toda a sala. Raios, todo o corpo de Luc.

— Ótimo. Muito ocupado. E a Alyssa?

— Oh. — Revirou os olhos. — Incrivelmente ocupada! Não fazia ideia que o ramo da restauração era tão duro. O Luc sabe perfeitamente, claro. Mas ainda estou a aprender. Seja como for, estou contente que esteja aqui. Tenho estado ansiosa por vê-lo em ação. — O seu sorriso era, só por si, uma provocação. — Na cozinha, claro.

A temperatura corporal de Luc voltou a subir. Se não fosse embora rapidamente, ela iria vê-lo em ação na cozinha e em qualquer outro lugar em que a deixasse fodê-la. Mas como poderia dizer aquilo sem a perturbar? Estava em dívida para com ela, sem dúvida.

— Ouvi dizer que o seu primo se casou — comentou Alyssa.

Luc tentou não se encolher.

— Sim. O Deke e a Kimber casaram há uns meses.

Alyssa fez uma pausa, inclinou a cabeça, analisou-o com aqueles olhos azuis e frios.

— Não se importa com isso? Sei que também teve um relacionamento com ela.

Sim, um relacionamento que quase tinha acabado com a morte do seu maior sonho. Tinha-se envolvido num *ménage* selvagem com Kimber e o seu primo, sabendo que esta amava Deke. Ainda assim, Luc tivera esperança de casar com ela, de que Deke a engravidasse e que todos vivessem como uma família feliz. Demasiado cedo, os outros dois tinham formado um casal e tinham-no deixado sozinho. Provavelmente, a sua última oportunidade de criar uma criança com uma gota que fosse do seu sangue tinha saído porta fora com eles.

Hesitou e depois fugiu à pergunta.

— Ela continua a ser especial para mim.

Não era uma mentira, mas também não era a verdade completa. Kimber e Deke não precisavam de mais ninguém, e Luc só os tinha atrapalhado. Tinha aceitado isso porque embora adorasse Kimber, não a amara. Contudo, quisera a única coisa que eles lhe podiam ter dado; por vezes, queria-a tanto que essa ânsia lhe dilacerava o peito.

Queria um filho. E não podia ser pai.

— Sente-se bem? — perguntou Alyssa. — Posso oferecer-lhe uma bebida?

Não. O que tinha de fazer era sair dali antes que deixasse que a sua pila o levasse a cometer atos estúpidos, como esquecer o facto de que tinha de encontrar uma mulher aceitável, que quisesse um filho tanto quanto ele. Alyssa... era sensual, determinada, toda ela mulher, generosa e espantosa no escuro. Mas não era a mulher ideal para ter filhos com ninguém. Se Luc acabasse por seguir a vida da adoção, bastaria os assistentes sociais olharem para Alyssa uma vez e sairiam a correr, aos gritos. Mesmo que ela quisesse filhos agora — e porque haveria de que-

rer? — não lhe parecia que ela concordasse em dar um salto ao banco de esperma mais próximo ou em passar por várias rondas de fertilização *in vitro*. Queria um homem que pudesse ser pai dos seus filhos da forma normal.

Aos trinta e cinco anos, Luc já deveria ter ultrapassado há muito aquela ânsia ofuscante por sexo, típica dos adolescentes; o tipo de ânsia que eliminava qualquer pensamento lógico. Alyssa não iria ajudá-lo a obter o que mais desejava na vida. De alguma forma, teria de dar a notícia à sua pila.

Caramba, nunca preferira ser impotente, em vez de estéril. Essa era nova.

— Não, obrigado. Alyssa, não posso ficar.

— Agora? Deve estar cansado. Não faz mal. Faça-lhe uma visita guiada ao restaurante e à cozinha amanhã de manhã. Fica só a uns quarteirões daqui. Encomendei toda a comida indicada pela sua assistente e...

— Esta semana, quero dizer. Não posso fazer isto.

— Outro compromisso? — O seu tom ríspido teria mostrado que estava irritada, embora a sua expressão impassível não o denunciasse.

Luc queria mentir, mas já estava a deixá-la pendurada. Mentir só iria piorar as coisas, e ela merecia a verdade.

— É pelo que se passa entre nós.

— Fomos para a cama, e agora não podes cozinhar para mim? O que é que uma coisa tem a ver com a outra, exatamente?

Luc passou o peso de um pé para o outro. Merda, aquilo não estava a correr bem.

— Ouve, desculpa o que te fiz...

— Estás a pedir-me desculpa por me teres feito ter tantos orgasmos que perdi a conta? Tenho de ouvir a razão disto.

Como raio é que ela não entendia?

Passando uma mão rígida pelo seu cabelo até aos ombros, resmungou:

— Caramba, eu estava frenético. Trespassei-te. É impossível que tenha sido delicado ou atencioso. E peço desculpa. Tenho a certeza de que não te pedi permissão antes de... — Meu Deus, nem conseguia falar com ela sobre sexo anal sem voltar a ficar duro como pedra. — Não seria boa ideia eu ficar, simplesmente.

Alyssa juntou as lapelas do seu pequeno blusão, numa tentativa inú-

til de tapar os seios. Tudo o que fez foi proporcionar uma melhor vista do seu decote. E deixá-lo ainda com mais tesão.

— Pareceu-te que me importei, naquela noite?

Luc engoliu em seco.

— Não compreendes? Provavelmente imploraste-me que parasse. E eu não parei. Não me lembro de te ouvir. Se ficar esta semana, não posso garantir que não voltarei a perder a cabeça. Não te quero magoar.

— Eu não sou de vidro — assegurou-lhe Alyssa. O seu sussurro causou-lhe um arrepio na espinha.

— Há outra pessoa. — Mais ou menos. Três encontros não constituíam uma relação. Olhando para os traços voluptuosos e para o corpo de modelo de Alyssa, Luc não conseguia visualizar o rosto de Emily, nem que a sua vida dependesse disso. Mas ia casar com ela. Ou com alguém como ela. Alyssa simplesmente não era o tipo de mulher que Luc visse como estando disposta a brincar às mamãs quando ele finalmente encontrasse uma forma de ser pai.

— A Kimber? Ainda andas a fazer *ménages* com o teu primo e a mulher dele?

Não, e nunca mais voltaria a fazê-lo, mas admiti-lo perante Alyssa só a deixaria mais determinada.

— Isso importa?

Alyssa abanou a cabeça.

— Seja ela quem for, espero que compreenda que estás aqui para fazer um trabalho. Posso pôr o passado atrás das costas e concentrar-me no trabalho, se tu conseguires.

O olhar esfomeado de Luc percorreu-lhe o corpo.

— Ainda não me tocaste, e já estou desconcentrado.

Luc atravessou a sala intempestivamente, agarrou-lhe a mão e pô-la por cima do seu caralho dorido. Instantaneamente, ficou melhor — e pior. Meu Deus, queria que ela lhe saltasse em cima, o despisse completamente, lhe metesse o caralho dentro da sua boca, dentro do seu corpo. Antes que se entusiasmasse, afastou a mão dela.

— És uma mulher muito sensual, e eu não me controlo quando estou perto de ti. Não posso ficar.

Alyssa respirou fundo, e o seu peito expandiu. Caramba, ele não precisava de ver aquilo. Mas Luc não conseguiu ir-se embora enquanto ela deslizava da beira da secretária e se aproximava furtivamente.

— Primeiro, para a tua preocupação ser válida, eu teria de concordar em fazer sexo contigo. Hoje não o fiz. Não presumas também que o farei amanhã. Segundo, *tu* é que vieste ter *comigo* há três meses, lembras-te? Em troca de ir para a cama contigo e com o teu primo, ias cozinhar para mim durante a semana de abertura. Mesmo que o Deke tivesse ido embora antes de as coisas aquecerem, eu cumpri a minha parte do acordo.

— Tu fizeste muito mais do que isso. É um dos motivos pelos quais me é impossível *não* pensar em ti e em sexo na mesma frase.

Numa tentativa de mostrar ao seu primo Deke que a sua atual esposa era a mulher perfeita para ambos, Luc tinha combinado uma sessão de sexo a três consigo, o seu primo e Alyssa. Tinha-lhe saído o tiro pela culatra. Deke fora embora antes de a festa começar, o que Luc já esperava. O que não previra era precisar de todo o tipo de sexo de que se lembrasse com a dona do clube de *strip* — repetidamente.

— Desculpa — murmurou. — Vou-te mandar outra pessoa, totalmente qualificada.

— Já fiz publicidade ao facto de que vais estar cá. Tenho um ano de trabalho e todas as minhas poupanças investidos neste lugar. Preferia que este restaurante não fosse um fracasso que me obrigasse a voltar a dançar no varão para ganhar a vida. Deste-me a tua palavra, e confiei em ti. Vais mesmo deixar-me pendurada?

Capítulo Dois

A música ecoava nos ouvidos de Luc. À medida que as notas finais soavam e Alyssa assumia uma pose sugestiva em redor do varão, com uma tanga vestida — e nada mais — o caralho duro como aço de Luc voltou a enrijecer e agora quase lhe doía.

Assim que a música terminou, a multidão totalmente masculina, amontoada dentro do clube de luxo, desatou a aplaudir ruidosamente. Luc rangeu os dentes. Todos os homens presentes tinham uma ereção provocada pela mulher com quem se queria enfiar na cama outra vez. E outra vez. A mulher em quem não devia tocar.

Depois de uma ovação de pé de dois minutos, os clientes voltaram finalmente a sentar-se. Com um sorriso matreiro, Alyssa pegou no microfone, atingindo distraidamente aquele minúsculo blusão vermelho com lantejoulas, de tal forma que só lhe tapou os mamilos — e mal.

— Obrigada a todos por terem vindo esta noite — sussurrou, ainda a arquejar. — O vosso entusiasmo ao longo dos últimos cinco anos fez do Sereias Sensuais um lugar muito especial. Estou felicíssima por terem vindo passar o vosso serão comigo.

Sacudiu as pestanas negras por cima dos olhos azuis-bebé, manobrando a multidão.

Luc queria vomitar. Não, não era verdade. Queria pegar nela, atirá-la

por cima do ombro e proibi-la de alguma vez voltar ali ou voltar a despir-se em público.

Suspirou. A cena de homem das cavernas era o estilo de Deke, não o seu. E Alyssa não era sua. Nunca seria.

Por que raio tinha concordado em ficar ali e cozinhar durante a semana? Ah, sim. Culpa. Ela tinha concordado ajudá-lo três meses antes. Não tinha culpa que ele não tivesse — e continuasse a não conseguir — manter a sua pila sob controlo. Também não tinha culpa que Deke se tivesse ido embora e a tivesse deixado com o lado negro e lamentável de Luc. Tendo em conta o quanto da sua vida e das suas poupanças ela tinha empatado no seu novo restaurante, ele seria um verdadeiro canalha se a abandonasse agora. Os seus fantásticos seios, as suas perguntas incisivas e doces, juntamente com as memórias escaldantes de Luc, não tinham jogado a seu favor. Não tivera hipóteses de se ir embora.

Depois de fazer mais alguns anúncios, Alyssa saiu do palco de forma exuberante e foi para o meio de um grupo expectante de admiradores. Tyler, o seu segurança, puxou uma cadeira para ela e ficou por perto para a proteger. De braços cruzados e com uma expressão ameaçadora, parecia todo ele um arruaceiro. Ainda assim, isso não desencorajava os admiradores ardentes de Alyssa. Bajulavam-na de perto. Alguns enfiavam-lhe notas diretamente na tanga. Alyssa dava-lhes palmadas nas mãos, com um sorriso malicioso... mas isso não os impedia.

Um tipo com uma t-shirt da LSU¹ atravessou a multidão aos empurrões até chegar perto de Alyssa e espetou-lhe um beijo em cheio na boca. Alyssa não o empurrou; limitou-se a pousar-lhe as mãos suavemente nos ombros. Segundos depois, Tyler puxou o tipo de cima dela, empurrou-o na direção da porta com uma expressão de filho da puta e depois deixou-se ficar ainda mais perto de Alyssa. A sua postura gritava «Minha!».

Recusando-se a assistir por mais um segundo que fosse, Luc praguejou e engoliu a dura verdade. Tinha sido enganado. Na noite que passara com Alyssa, esta tinha jurado que há quase dois anos que não deixava nenhum homem entrar-lhe na cama ou na rata. Na altura, Luc tinha acreditado nela. Era incrivelmente apertada. Ao deparar-se com aquela multidão a espumar pela boca, não percebia como era possível que a cama de Alyssa tivesse ficado vazia por dois dias, sequer.

Não importava se ela dormia com o seu segurança, todos os seus

¹ Louisiana State University – Universidade do Estado do Louisiana. (N. da T.)

clientes e a maioria da população masculina do Louisiana. Tinha feito um acordo com ela e ia honrá-lo. Além disso, iria manter as mãos longe dela durante essa semana, por mais atraente que ela fosse. Tinha um futuro — se Deus quisesse, uma esposa e um filho, em breve — em que pensar.

Três da manhã. Com as portas do clube fechadas, as bailarinas e empregadas de mesa dispensadas, Alyssa e Luc estavam sozinhos. Finalmente. Alyssa parou um momento para saborear o facto de que se tudo corresse bem, teria feito a sua última dança no varão. Nunca mais voltaria a ganhar dinheiro a expor o corpo. Fizera-o para sobreviver nos últimos catorze anos. O restaurante representava o seu futuro, o seu caminho para uma vida melhor. Esforçara-se por ter uma abertura de sucesso, só para evitar voltar a mostrar as mamas a estranhos. Luc era uma parte importante da sua receita para o sucesso. Graças a Deus que o tinha convencido a ficar.

Para o bem do seu restaurante e para o seu próprio bem.

Ao lado dela, Luc estava de pé, direito e tão tenso que se Alyssa lhe atirasse com uma moeda, esta teria ressaltado. Alyssa sorriu. O *chef* delicioso e assustadiço nem fazia ideia do que o esperava.

— De certeza que queres fazer agora a visita ao restaurante? — perguntou.

Luc anuiu com a cabeça.

— Ver a tua organização vai permitir-me planear os postos, sentir a energia da comida. Amanhã vou ter de conhecer o teu pessoal. Falei ao telefone com os teus *chefs* de pastelaria e *sous chefs*, assim como com o teu subgerente. Todos concluíram a formação que lhes enviei. Temos a ementa da semana definida. Disseste que alguém comprou as quantidades de produtos que pedi?

Alyssa fez que sim com a cabeça e lançou-lhe um olhar provocante.

— Tem gostos caros, Sr. Traverson.

— Vai recuperar esse dinheiro, Menina Devereaux.

Claro que tinha de fazer aquela promessa. Queria assegurar-se de que não lhe devia absolutamente nada quando saísse por aquela porta. E ela estava totalmente determinada a conseguir o oposto. Alyssa jurou que no final daquela semana, seria dona do seu corpo, coração e alma.

Em carros separados, atravessaram os poucos quarteirões até ao seu novo empreendimento. Alyssa recusou-se a ver o facto de ele se ter recusado a ir no mesmo carro que ela como uma contrariedade. Assim que chegaram, tirou as chaves da bolsa e destrancou a porta. Lá dentro, virou a esquina e acendeu as luzes mais fracas, no teto. Havia um conjunto de lâmpadas mais brilhantes... mas para quê estragar o ambiente?

Alyssa olhou em redor, para a *sua* criação. Pura elegância. Uma parede com janelas do chão ao teto. Madeiras escuras, acentuadas por paredes cinzento-acastanhadas e dourado cor de terra, salpicadas com tons acentuados de bordô e castanho-chocolate. O espaço amplo tinha uma atmosfera expectante, como se estivesse à espera de convidados. Abundavam cadeiras e mesas com toalhas imaculadas, algumas postas com porcelana, guardanapos de linho e cristal, para se poder ver o efeito. A inscrição discreta na parede da entrada dizia BONHEUR e ao vê-la, Alyssa ficava cheia de orgulho e ansiedade, sempre que vinha ali.

Pelo canto do olho, olhou na direção de Luc. De braços cruzados sobre o peito, este sondava o restaurante, com um olhar avaliador. O coração de Alyssa bateu mais depressa, enquanto esperava a sua reação. Não fazia sentido querer tanto a sua aprovação... mas isso não a impediu de ficar ansiosa.

— Então? — sussurrou.

— Bonheur — murmurou Luc. — É «felicidade» em Francês.

— Achei que era adequado. É suposto os clientes serem felizes aqui.

E eu rezo para que eu também seja feliz por ser a proprietária.

— Gosto. Jantares de luxo para grupos grandes? Casais?

— Tanto faz. Ambos.

Luc voltou a olhar em redor, para as mesas.

— Se queres que seja um lugar atrativo para jantares românticos, tens demasiadas mesas para grupos de quatro a oito, especialmente nos cantos mais acolhedores. A separação entre o bar e a sala de jantar... — Apontou para o outro lado da sala, para a meia parede que separava os clientes que estavam a comer dos clientes que estavam apenas a beber. — É demasiado baixa e está demasiado próxima do bar. Vai ser difícil conseguir uma atmosfera, se se puder ver as pessoas que se estão a rir, a fumar e a beber muito, a partir da sala de jantar. Sobe-a até ao teto. Tens ventilação, para puxar o fumo no bar?

Tinha debatido aquilo, pois detestava ter de fechar a sala. Mas ele tinha razão.

— Não se pode fumar, de todo.

Luc hesitou.

— Mesmo no bar? Isso vai sair-te caro.

— Vale a pena. Quero fazer dinheiro com o bar por as pessoas estarem a pedir bebidas junto com a comida ou enquanto esperam por uma mesa, não porque não vão jantar e vão ficar a beber um *scotch*, à espera de encontrarem um par para passar a noite. Já tenho um bar; não preciso de outro.

Luc acenou com a cabeça, mas não teve qualquer outra reação. Alyssa tomou nota mentalmente que devia arrastar mais mesas pequenas para fora do armazém e telefonar de manhã ao seu empreiteiro para arranjar a parede.

— Onde fica a cozinha? — perguntou Luc.

Mordendo o lábio, Alyssa foi à frente, contornando uma esquina e acendendo mais luzes. De provocação e sedução, percebia ela; o ramo da restauração era a especialidade de Luc, e este assumia agora uma postura conservadora e segura. Alyssa estava grata por isso. Esforçara-se por criar a cozinha ideal para o Bonheur, um lugar em que um *chef* do calibre de Luc teria orgulho em cozinhar.

Ao descer o corredor, tinha noção de que Luc estava a olhar para ela. O seu olhar perpassou-lhe os ombros, abraçou a curva da sua cintura, demorou-se no seu traseiro. Conseguia sentir o ardor.

— A cozinha não se vê a partir da sala de jantar; boa disposição.

Quando chegaram à divisão enorme, quase toda em aço inoxidável, Alyssa acendeu as luzes.

— Ouvi dizer que as pessoas não gostam de ver a cozinha enquanto comem.

Mais uma vez, Luc cruzou os ombros sobre o peito, olhando de um lado para o outro da divisão, acenando lentamente com a cabeça.

— Muito bem. A área de preparação com bancada de carne é grande e está bem localizada. Fogão com doze bicos. Gás?

— Claro.

O ar de aprovação de Luc notou-se no seu rosto, reconfortando-a.

— Um número razoável de fornos industriais. Quatro pias. Boa localização de utensílios ao longo das paredes. Aquecedores?

Alyssa apontou para o espaço com prateleiras debaixo das bancadas e para outro no corredor, onde se montariam os pratos.

— Ótimo, tens bastante espaço de refrigeração. — Olhou em redor de outra esquina e abriu a porta. — Excelente frigorífico. Bastante arrumação.

— Nunca é demais. — Alyssa sorriu.

— Hum. — Parecia estar a conter a vontade de lhe sorrir também. — Que tipo de piso é este? — Bateu com a bota na superfície.

— Cortiça. Nunca fica escorregadio, é fácil de varrer ou substituir e proporciona um apoio natural para os pés de toda a gente.

Finalmente virou-se para ela, e notava-se nos seus traços que estava impressionado.

— Planeaste isto tudo sozinha?

— A maior parte. Tive alguma ajuda do meu empreiteiro. O Sereias Sensuais tem alguns clientes na área da restauração; pedi-lhes conselhos. O resto... fiz o trabalho de casa. Queria que ficasse tudo direito.

Algo no rosto de Luc alterou-se, fechou-se. O seu corpo ficou tenso, ao mesmo tempo que desviou rapidamente os seus olhos escuros.

— Conseguieste.

Raios! O que é que tinha feito com que a sua expressão calorosa se tornasse fria? Teria sido por ter falado no Sereias Sensuais? Deke tinha-lhe dito uma vez que ela não era o tipo de Luc porque ele estava à procura de uma *senhora*. Será que o facto de a evitar significava que a via como pouco mais do que uma puta?

Alyssa levantou o queixo. Conhecia os homens. Mesmo que Luc estivesse relutante em admitir que ela era o seu tipo, sabia que lhe provocava espasmos na pila. Era um começo.

Agora ele estava outra vez virado para os negócios.

— A que horas podes ter cá o pessoal amanhã?

— Ao meio-dia, está bom para ti?

— Perfeito. — Virou costas.

— Já aprovaste as ementas; precisas de ver mais alguma coisa esta noite? — Estava a segurar nas chaves e a pensar como poderia recuperar o clima que tinham partilhado minutos antes.

Paciência, disse para si mesma. *Segue o plano*. A noite ainda era uma criança.

...

Luc seguiu Alyssa para o parque de estacionamento vazio do restaurante. A iluminação abrangente fazia com que os clientes se sentissem seguros. Contudo, a iluminação irritou-o porque conseguia ver cada balouçar das suas ancas provocantes enquanto ela se pavoneava até ao carro. Fê-lo ficar teso. Outra vez.

Luc tinha levado o seu SUV desde o clube de *strip*, principalmente para não ter de se fechar num espaço apertado com ela, mesmo que fosse só por três quarteirões. Achava que não se podia responsabilizar pelas suas ações, mesmo por tão pouco tempo. Na cozinha do Bonheur, a ideia de a estender em cima de uma daquelas bancadas brilhantes de aço inoxidável e fodê-la até perder os sentidos não lhe saía da cabeça. Devia agradecer-lhe por ter falado no Sereias Sensuais e nos favores que provavelmente teve de fazer aos seus clientes habituais para conseguir o seu aconselhamento. Aquela ideia fê-lo ranger os dentes e deu-lhe a volta ao estômago. Ficou com o temperamento alterado. Alyssa era uma *stripper*, foda-se. Não era o tipo de mulher que passasse dois anos sem sexo. Tinha sido um idiota por acreditar nisso quando ela lhe sussurrou aquela mentira trémula enquanto ele a deitava na cama, três meses antes. Alyssa estava no ramo de manipular os homens pela pila. E era muito boa nisso. Luc não podia ficar chateado com ela por ser como era; nunca tinha fingido ser algo diferente. Mas podia — e devia — ficar furioso consigo mesmo por se importar com isso.

Apesar de o parque estar completamente vazio, Luc tinha estacionado a três lugares de distância do carro dela. Enquanto premia o comando para destrancar a porta do condutor, observou-a a fazer o mesmo com o seu carro desportivo preto. Luc cerrou os punhos. Agora ela iria para casa, tiraria aquela saia preta minúscula, o *top* branco, o sutiã vermelho e os sapatos sensuais. Mesmo que ela não fizesse parte do futuro por que Luc ansiava, estava desejoso de a seguir até casa... ajudá-la a tirar cada peça de roupa, enterrar-se naquele corpo perfeito e tonificado.

Engoliu em seco. *Mantém a pila dentro das calças. Cozinha, cala-te e põe-te a milhas de Lafayette. Sete dias. Achas que consegues arranjar algum autocontrolo?*

Um guincho feminino atravessou o parque de estacionamento, cortando-lhe os pensamentos. Alyssa.

O coração de Luc sobressaltou-se, e este quase saltou por cima do carro enquanto corria pelo asfalto. Ela recuou — em cheio contra o seu

peito. Luc segurou-a, com as palmas das mãos a envolverem-lhe os ombros nus.

— O que foi? — perguntou.

Alyssa inspirou de forma trémula.

— Sacanas!

Antes que Luc pudesse perguntar-lhe de quem ou do que estava a falar, Alyssa esticou-se para dentro do carro e arrancou alguma coisa. Instantes depois, exibia uma faca de serra comprida, com um pedaço de papel agarrado. Sob os candeeiros da rua, a palavra PUTA reluzia, escrita a batom vermelho-vivo.

O choque atingiu o seu pico, transformando-se rapidamente em fúria incandescente. Era irónico; Luc tinha estado a pensar praticamente o mesmo, instantes antes. Mas nunca o teria dito em voz alta e muito menos o teria cravado no lugar da frente do seu descapotável.

— Quem seria capaz de te fazer isto? — A sua voz vibrava de raiva.

Alyssa atirou a faca para o lugar da frente e lançou-lhe um olhar desconfiado por cima do ombro.

— Quem sabe?

Luc virou-a de frente para si e cerrou os maxilares.

— Quem... te... fez... isto?

O tom dele apanhou-a desprevenida.

— Olha, isto não é nada de novo. Estas merdas estão sempre a acontecer.

Sempre? Aquilo só o deixou ainda mais furioso. Luc apertou-a ainda mais contra si, enquanto o seu rosto assumia uma expressão tenebrosa. Ela não tinha medo, e ele temia terrivelmente por ela.

— O que é que a polícia disse das outras vezes?

— Polícia? — Alyssa abanou a cabeça. — Isto é apenas... uma partida ou um cliente irritado que achou que não lhe dei atenção suficiente, provavelmente.

E quem quer que tivesse feito aquilo também podia estar a falar a sério. Aquela faca não era motivo para brincadeiras.

— E se alguém mesmo doentio te quiser magoar? Há quanto tempo dura isto?

— Como disse, acontece. Já lá vai algum tempo, mas...

— Mete-te no meu carro. — Já estava farto de a deixar ficar ali de pé, como um alvo conveniente num parque de estacionamento sombrio.

Não era agente de segurança pessoal como o seu primo Deke, mas passara tempo suficiente com ele e com o seu sócio, Jack Cole, para saber que ficar a descoberto podia ser mortífero.

— O quê? — Alyssa parecia incrédula. — Não vou deixar o meu carro aqui.

— Vou levar-te a casa. Vais chamar a polícia e denunciar o crime, para que eles possam investigar.

Alyssa hesitou e depois falou num tom mais suave.

— Luc. És muito querido por estar preocupado, mas...

— Mete-te na merda do carro.

Alyssa empalideceu, e Luc praguejou em voz baixa. Tinha de controlar o seu temperamento. Mas a frustração sexual cada vez maior, combinada com a sua preocupação, deixou-o nos seus limites. Quem se achava no direito de a difamar e assustar? Com os punhos cerrados, Luc ansiava por uma oportunidade de espancar o canalha. Alyssa suspirou, e Luc preparou o seu próximo argumento, mas ela avançou calmamente para o seu SUV.

— Está bem.

Luc abriu-lhe a porta e viu-a deslizar para o interior do carro, com as madeixas do seu cabelo platinado a pousarem-lhe nos ombros. Parecia estar algures entre a calma e a circunspeção, apesar do facto de que tinha acabado de ser ameaçada. Estaria louca?

Abanando a cabeça, Luc contornou rapidamente o carro, até ao lugar do condutor. Quando entrou, ela já estava ao telefone.

— Desculpa se já é tarde, Remy. Achei que devia ligar-vos. Alguém me mexeu no carro... — Rapidamente e sem qualquer emoção, descreveu a sua localização e o que tinha acontecido. Luc ouviu murmúrios da conversa do outro homem, com um tom mais de brincadeira do que de preocupação, e fez uma careta. Ninguém levava aquilo a sério?

Tirou-lhe o telefone da mão e apresentou-se rispidamente.

— Procurem impressões digitais. Ela tocou na arma, mas poderão encontrar outras impressões no puxador. Quem fez isto *arrombou-lhe* o carro.

— Duvido que tenha sido mais do que uma partida. Os rapazes daqui, de vez em quando, portam-se um bocado mal...

— E cravam-lhe a palavra «puta» no assento do carro? De que maneira é que isso tem piada?

Remy aclarou a garganta.

— Não tem. Mas acho que ninguém teve más intenções.

Luc rangeu os dentes.

— Costuma resolver todos os seus casos antes de visitar o local do crime?

Finalmente, Remy falou num tom sério.

— Vou investigar.

— Minuciosamente.

Alyssa pegou no telefone.

— Obrigada, querido. Agradeço.

Quando Remy terminou a chamada, Luc mal conseguia descerrar os maxilares, ao mesmo tempo que saía do parque de estacionamento a alta velocidade.

— Querido? O homem nem sequer queria investigar, e chamas-lhe «querido»?

Alyssa encolheu os ombros.

— É uma coisa do Louisiana. Apanham-se mais moscas com mel do que com vinagre.

— Ah, sim? — perguntou em tom de desafio. — Ou será mais uma coisa de «ele é meu cliente»? Ele viu-te a fazer *strip* esta noite?

Alyssa engoliu em seco.

— Pedi a todas as forças policiais para virem, incluindo ao xerife. Diminui as possibilidades de os arruaceiros se descontrolarem e destruírem o clube.

Luc agarrou o volante com mais força enquanto saía do parque de estacionamento.

— Então, isso é um «sim».

Lutando contra a vontade de bater em alguma coisa numa demonstração invulgar de mau temperamento, Luc respirou fundo. Na noite que tinha passado com ela, tinha sido fácil fingir que ela não tinha outros amantes. Tinham estado a sós, com a casa em silêncio. Nenhum telefone a tocar, nenhum cliente por perto, nenhum psicopata a deixar-lhe «presentes» ameaçadores no carro. Só eles os dois e horas e mais horas de prazer. Meu Deus, como tinha sido crédulo.

Alyssa acenou com a cabeça.

— O que é que importa, se o Remy e os rapazes estavam lá?

A resposta curta era que não devia importar.

— Se te devias preocupar com alguma coisa — continuou Alyssa — era com o teu quarto de hotel. Já são quase quatro da manhã; o Homer provavelmente já deu o teu quarto a um daqueles turistas que vêm para o festival de artes que começa amanhã.

Luc franziu o sobrolho. Depois de tudo o que tinha acontecido nessa noite, ela estava preocupada com ele?

— Eu garanti a reserva com um cartão de crédito.

Um sorriso de Mona Lisa surgiu ao canto da boca de Alyssa. Com a mesma rapidez, deixou-lhe a pila dura novamente. Caramba, como é que ela conseguia?

— Para ele, isso não significa nada. Tenho a certeza que por não teres aparecido depois de o clube ter fechado, ele deve ter achado que o teu quarto estava livre. Mas se não acreditas em mim, liga-lhe. — Premiu algumas teclas do telemóvel e passou-lho.

— Tens o número do dono do motel nas ligações rápidas? — Só lhe passava uma explicação pela cabeça, e isso horrorizava-o. Ela andava na má vida? Raios, ia vomitar.

— Os clientes de fora precisam muitas vezes de dormir para curar a bebedeira. O Homer costuma ajudar-me.

Luc gostava muito mais da explicação dela. Mas mesmo assim, ficou a pensar. Não havia tantas *strippers* que ganhavam dinheiro extra, à parte?

Enquanto o telefone tocava ao seu ouvido, Luc virou-se para Alyssa. O seu rosto estava dourado sob as luzes dos candeeiros que brilhavam através das janelas do carro, enquanto ele descia rapidamente a pitoresca rua de tijolos vermelhos, em direção a um bairro com casas mais antigas, mas ainda assim elegantes. Era estranho lembrar-se exatamente do caminho para casa dela, apesar de só lá ter estado uma vez. A imagem da pequena casa em estilo colonial com o interior Zen estava-lhe gravada no cérebro.

Homer atendeu instantes depois, a resmungar. Claramente, estava a dormir e não parecia nada satisfeito por ser acordado.

— Fala Luc Traverson. Estou a ligar para avisar que vou chegar daqui a uns minutos para fazer o *check-in*. Ainda tem o meu quarto?

O homem do outro lado da linha aclarou a garganta.

— Bem, como o Luc não apareceu, pensei que...

Luc esperou, com o temperamento a descontrolar-se novamente, que o dono do motel terminasse a frase.

— Achou o quê? Que ia dar o meu quarto?

— Esperei até às duas e meia. Disse que ia estar cá antes da meia-noite. Chegou uma família, cansada da estrada e com crianças e...

— Tem outro quarto? — Fechou os olhos e premiu o telefone contra a orelha.

— Está lotado. É a primeira vez que acontece em algum tempo, mas este festival traz sempre gente. Há boas bandas de *zydeco* a tocar este ano. Luc resistiu à vontade de contar até dez.

— E amanhã à noite?

— Não tenho quartos livres até terça-feira. Tem algumas daquelas cadeias de hotéis ranhosas umas milhas mais adiante... — disse Homer com um desprezo evidente. — Aposto que também estão lotadas. Além disso, nem o meu cão deixava lá dormir. Eles não limpam nada...

A cabeça de Luc ia explodir. Estava habituado a viajar para cidades cosmopolitas. Ficou no Hotel de Crillon quando viajou para Paris, no Dorchester em Londres, no Peninsula em Tóquio, no Beverly Wilshire em Los Angeles. O facto de ter sido aldrabado em relação a um quarto no Paraíso *Cajun* do Homer às quatro da manhã acabou-lhe com a paciência. Premiu o botão de terminar a chamada. Em vez de ceder ao impulso de atirar o telemóvel, devolveu-o a Alyssa, com relutância.

— Tinhas razão.

— Achei melhor poupar-te a viagem, visto que conheço muito bem o Homer.

E visto que Homer era, sem dúvida, outro homem que tinha visto Alyssa nua, também a conhecia muito bem.

Luc suspirou. Tinha de parar de se importar com quem a tinha visto despida. Ia ter vontade de arrancar a cabeça à maioria da população masculina daquela cidade durante a semana seguinte, se não se controlasse. Tinha-a fodido durante uma noite. O que ela tinha feito antes — ou depois — não lhe dizia respeito. Então porque é que o irritava tanto? E onde ia dormir naquela noite?

— Tenho um quarto a mais em minha casa — comentou Alyssa em voz baixa. — É limpo, sossegado e...

— Não quero abusar. — Porque se o fizesse, ia voltar a penetrá-la. Da última vez que tinha passado a noite dentro dela, tinha ficado insaciável. Durante seis horas. Nada tinha sido demasiado escaldante, dema-

siado depravado, demasiado íntimo. Alyssa tinha-lhe arrancado o tipo de desejo que o incendiava, envergonhava e extasiava, tudo ao mesmo tempo. Luc tinha aceitado tudo o que ela tinha oferecido e mais ainda — e depois tinha recomeçado. Tinha-a fodido de todas as formas que um homem podia foder, repetidamente. Sem preservativo, algo que não tinha feito há mais de uma década, exceto com Kimber. E as memórias dessa noite incrível com Alyssa estavam a dar-lhe cabo do autocontrolo.

— Não é abuso. Eu tenho o quarto, tu precisas de uma cama.

Alyssa pousou uma mão suave sobre a de Luc, enquanto este agarra a alavanca das mudanças. O toque dela prendeu-o até aos tomates, incendiando-lhe o sangue.

— Além disso — murmurou — talvez tenhas razão. Se o que aconteceu esta noite não foi uma partida, sentir-me-ia melhor se não ficasse sozinha. Importas-te?

Sim. Muito. Mas seria um autêntico sacana, se dissesse que não.

Lançou-lhe um sorriso tenso.

— Será um prazer.

Ele estava a mentir com todos os dentes. Mas por outro lado, ela também estava. Tinha pago uma bela quantia a Homer para dar o quarto de Luc a outra pessoa e, apesar da partida, duvidava que alguém tentasse fazer-lhe mal nessa noite.

À medida que o SUV de Luc descia as ruas escuras de Lafayette a toda a velocidade, o cansaço devia estar a tomar conta dela. Em vez disso, estava ansiosa. Ia finalmente estar a sós com o homem que mais desejava, em sua casa, onde tinham feito amor loucamente. Era uma pena que Luc não estivesse satisfeito com isso.

Luc era um enigma. A luxúria no seu olhar era inconfundível. Raios, sempre que olhava para ela quase que a queimava. Mas o seu desprezo também era evidente. Por isso, a sua fúria por mais alguém ter achado que ela era uma puta intrigava-a.

— Se não for uma partida, quem seria capaz de cravar um bilhete daqueles no assento do teu carro?

Infelizmente, a lista era longa.

— Luc, vamos esperar para ver o que o Remy descobre.

— Não. — Lançou-lhe um olhar impaciente. — Se quem te fez isto

aparecer enquanto estás a dormir, gostaria de ter uma ideia de com quem estarei a lidar.

— Não te preocupes muito. Se achasse que estava em perigo de vida, ligava ao Tyler. Ou ao Jack Cole. Ele e o teu primo são os melhores, e o Jack é um velho amigo. Por causa dele, a casa tem um sistema de segurança topo de gama.

Luc rangeu os maxilares. Os seus nós dos dedos embranqueceram ao volante.

— Eu disse que te mantinha em segurança esta noite e é o que vou fazer. Responde à pergunta.

Luc não estava a largar o assunto, o que dava esperança a Alyssa. Talvez ele se interessasse por ela, nem que fosse só um bocadinho. Mesmo que isso fosse contra o seu bom senso e a sua vontade.

— Em primeiro lugar, praticamente qualquer namorada ou esposa ciumenta que não aprecia a quantidade de tempo que o seu homem passa no meu clube. Isso é habitual.

— As facas normalmente não fazem o estilo das mulheres.

Não. Já lhe tinham furado os pneus, atirado ovos à casa, enviado mais bilhetes insultuosos do que se conseguia lembrar. As mulheres menosprezadas normalmente chateavam e raramente perturbavam.

— Então e amantes antigos? — Lançou-lhe um olhar fulminante. — Atuais?

Alyssa fechou os olhos. Naturalmente, ele tinha presumido que haveria muitos, de uns e de outros. Já tinha passado por aquilo. Não devia ficar magoada, mas ficou, caramba.

— Na noite que passaste comigo, disse-te que não tinha havido mais ninguém nos últimos dois anos. Não houve mais ninguém depois de ti.

Luc abanou a cabeça, com ar de quem tinha mil e um pensamentos diferentes a atravessá-la.

— Alyssa, podes estar em perigo. Preciso que sejas completamente sincera.

Virando-se bruscamente no assento, a *stripper* encarou-o, tentando controlar o seu temperamento.

— Eu fui sincera. Só porque não acreditas em mim, isso não faz de mim mentirosa.

— Vá lá — resmungou Luc. — Nem um cliente que quis um bocado

mais depois de ver os teus lindos seios nus? Nem um empreiteiro que te fez um favor e quis algo em troca?

A fúria tomou conta de Alyssa, prendendo-lhe o peito com um punho de ferro.

— Eu não dou para esses lados.

Luc hesitou.

— Então não concordaste em foder comigo há três meses, para teres um *chef* convidado esta semana?

Não, estava disposta a dizer qualquer coisa porque te desejava tanto... e esperava que me desejassem também. E nada a faria demonstrar os seus sentimentos agora. Ele tinha-a abandonado antes da madrugada e tinha-a comprado com flores. Agora quase tinha dito explicitamente que ela era uma puta.

Mas se havia algo que ela conhecia, era os homens. Luc sentia *algo* por ela. A sua missão era fazer com que se tornasse mais do que isso.

— Tu foste diferente.

— Claro. — Luc bufou enquanto parava num semáforo vermelho.

Alyssa estava farta daquela merda. Agarrou-lhe o queixo e virou-o para ela.

— Talvez eu tenha sido apenas estúpida o suficiente para acreditar em todo o teu charme de cavalheiro do Sul e quisesse saber o que era ter sexo com alguém que não me visse como uma prostituta. Que tonta. Tu foste definitivamente mais extremo do que qualquer outro com que tenha estado, muito mais do que o que a tua aparência burguesa dá a entender. Estendes essa passadeira vermelha para todas as mulheres?

Luc libertou-se da mão dela e agarrou o volante, ainda com mais força. Suspirou bruscamente, tentando nitidamente controlar o seu temperamento. Então o seu comportamento naquela noite era um ponto sensível? Talvez ele não quisesse ter-se sentido atraído por ela e estava envergonhado por ter sentido. E por ainda sentir.

— Perguntei-te por amantes. Vou aceitar o que disseste acerca de não teres tido nenhum nos dois anos antes de estares comigo.

— Mas não acreditas em mim.

— E namorados atuais? O Tyler?

Não era da conta dele, foda-se. Se dependesse de Alyssa, aquela conversa ia pelo cano abaixo. A lógica dizia-lhe para esquecer aquelas fantasias estúpidas de conto de fadas acerca de Luc. Não tinha feito amor com

ela com tamanho fervor por sentir a atração que existia entre ambos. Tinha-o feito porque ela tinha sido a sua primeira experiência com o lado selvagem, e ser rebelde excitava-o. Provavelmente, deviam limitar-se a fazer sexo e não se preocupar com as emoções.

Mas o coração dela não queria desistir.

— O Tyler nunca tentaria matar-me. Quem fez isto, esta noite, não foi alguém que tivesse estado na minha cama. É alguém que está chateado comigo.

Luc encolheu os ombros, pensativo, e depois arrancou quando o semáforo ficou verde.

— Como quem?

— O puto que atravessou a multidão esta noite para me beijar. O Peter. Nem sequer sei o apelido dele. É bastante regular. O pai dele é rico, e ele gasta muito dinheiro no clube. Parece pensar que isso lhe dá direito a privilégios especiais.

— Já lhe disseste o contrário? — Até a voz de Luc estava perigosamente tensa.

— Com certeza. O Tyler também o deixou bastante claro. Expulsámo-lo, dissemos-lhe que os avanços dele não eram bem-vindos. Mas nada assusta este puto.

Luc agarrou o volante ainda com mais força.

— Alguma vez te chamou puta?

Alyssa abanou a cabeça.

— Normalmente é bastante gráfico em relação ao que pretende — merdas sórdidas, nojentas — mas nunca recorreu a insultos. Isso é o estilo do vereador Primpton.

— Um vereador da Câmara? Um oficial eleito a chamar-te puta?

Até que ponto é que Luc era ingénuo?

— Claro. O seu eleitorado é muito conservador, por isso se ele fchasse o Sereias Sensuais seria o seu herói. Até algum pessoal moderado ficaria feliz por me ver ir embora. Essa tem sido a missão do Primpton desde que foi eleito, há dezoito meses. As tentativas começaram por ser ligeiras, mas agora com a reeleição tão perto, ele tem-me pressionado mais.

— Como?

— A protestar em frente ao clube, a atacar com editoriais no jornal local acerca do antro de pecado que fica nas traseiras da cidade e do

«lixo» que o gere. Há pouco tempo, combinou com um repórter para usar um microfone e solicitar-me sexo. — Bufou. — Consigo enfiar muitos insultos no meio de um «não».

Finalmente, pararam em frente à casa de Alyssa. Esta saiu e fez-lhe sinal para esperar no carro. Manobrando as chaves, Alyssa destrancou a porta da frente, desligou o alarme e depois deu a volta até à porta da garagem e premiu o botão para abri-la. Luc conduziu para o interior e depois saiu do carro, com o saco de viagem na mão. Parecia tenso e nervoso.

— Achei que seria melhor estacionares na garagem. Não queremos ninguém a vandalizar o teu SUV ou a dar à língua. Entra.

Luc concordou com a cabeça, com o olhar fixo em Alyssa. Esta fechou a porta da garagem atrás deles. Dava tudo para saber o que Luc estava a pensar. O seu comportamento nervoso e a sua ereção incansável diziam-lhe que estava provavelmente a pensar em formas de evitar o sexo com ela, que sabia que não devia desejar, mas que queria desesperadamente. E depois do interrogatório dessa noite, ela estava com vontade de o fazer sofrer.